

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis.

115)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JULHO 13, 1839)



VISTA INTERIOR DO MERCADO CUBERTO D'ELVAS.

I.

A CIDADE d'Elvas, na provincia do Alemtejo, está situada n'uma eminencia, em fórma d'amphitheatro, entre os dois soberbos fortes de S.^{ta} Luzia e de N. S. da Graça, que campeam sobre toda a povoação. Dista tres leguas ENO. de Badajoz, e duas do ribeiro Caya, que por esta parte faz a raia d'Hespanha. Acerca da sua fundação ha encontradas opiniões: querem uns que em remota antiguidade a erigissem os celtiberos, povos d'Hespanha, conjunctamente com os helvecios, ou suissos, e que destes lhe viesse o nome d'Elvas, que hoje conserva. Asseveram outros que foi fundada pelos hebreus da tribu d'Asser, que lhe chamaram Elba, do nome d'uma terra sua, de que fazem menção as Sagradas Escripturas, L.^o dos Juizes cap.^o 1.^o O P.^o Carvalho inclina-se á opinião dos que attribuem sua origem aos romanos, que a denominaram Elvas em honra de Marco Helvio, que então governava nesse districto da Lusitania, como se colhe d'um logar de Tito Livio, L.^o 3.^o Decad. 4.^a O general carthaginez, Maharbal, residiu em Elvas, e diz-se que recobrando a saude depois de grave enfermidade erigira um templo a Cupido no sitio de Terena, proximo a Villavigosa, de que ainda existiam ruinas no começo do seculo passado.

Elrei D. Affonso Henriques libertou pela primei-

ra vez esta cidade do poder mourisco em 1166; sendo porém retomada a resgatou pela segunda vez seu filho, D. Sancho 1.^o, em 1200, como relata a Monarchia Lusitana, L.^o 11 cap.^o 11 da parte 3.^a Por estas continuas hostilidades ficou reduzida a extrema ruina, pelo que a mandou reedificar elrei D. Sancho, o Capello, pelos annos de 1226, doando-lhe o mesmo foral de que gozava a cidade d'Evora. Foi elevada á cathegoria de cidade por elrei D. Manuel em 31 d'Abril de 1513; e erecta em bispado, a instancias d'elrei D. Sebastião, aos 9 de Junho de 1570. Tinha voto nas antigas côrtes dos tres braços do reino, com assento no banco segundo. As suas armas são um homem armado a cavallo com o estandarte das Quinas Portuguezas na mão: uma figura semelhante, que pela esculptura se conhece ser obra antiga, está sobre uma das portas da cerca velha da cidade, a qual hoje quasi que só abrange a praça, porquanto, crescendo a povoação, formam um ambito de muito maior diametro as muralhas modernas: provavelmente é aquelle o emblema das armas da cidade, porém acerca d'elle refere a tradição um facto curioso. Diz-se que fôra levantada essa estatua em memoria do feito ousado d'um cavalleiro portuguez, que se arrojou a ir a Badajoz em dia de grande solemnidade arrancar do meio do cortejo o estandarte hespanhol, conseguindo trazê-lo até juncto dos muros d'Elvas; que, porém, a este tempo se fecha-

ram as portas por temor d'alguma surpresa da parte dos hespanhoes, que de mui perto o seguiam; que o esforçado cavalleiro déra tres voltas a toda a brida á roda da praça, e como lhe não abrissem, salvára o estandarte arremegando-o por cima d'uma cortina, e perecendo alli victima de seus perseguidores. A bandeira se guardou como tropheu da valentia portugueza, e da memoria daquelle animoso homem.

Sem fallar-mos por ora das famosas fortificações d'Elvas, como praça forte, o que guardámos para outro artigo, não deixaremos de mencionar duas obras que ennobrecem esta cidade. A sé, que está em lugar alto e central, é uma esplendida igreja de tres naves, sustentada por delicadas columnas agregadas, fechadas com abobadas de laços e cruzaria de pedra lavrada com bastante primor: tem, além da capella-mór, em que está o côro, seis em cada nave, em reciproca correspondencia, sendo treze por todas; o pavimento é de marmore d'Estremóz, obra mui perfeita e custosa. Tem o edificio tres portas; duas collateraes, além da principal; e sobre esta ha outro côro, onde pozeram o orgão. A sachristia é vistosa e clara, e de muito accio e ornamento.

Como a cidade está situada n'uma eminencia, sem união com outros montes, carece d'aguas nativas; para supprir esta falta construiu-se um magnifico aqueducto de varios andares, ou ordens d'arcos; obra dispendiosa, e que por vezes se arruina: a agua, conduzida do sitio d'Amoreira, distante obra de meia legua para o occidente, se distribue por varios chafarizes; é porém pouca para abastecer a cidade no verão; e em geral a vão buscar fóra, especialmente á *Ponte dos Milagres* que se distingue pela amenidade do sitio e salubridade da agua; tanto que o povo lhe attribue propriedades milagrosas. Em ultimo recurso serve a cisterna da Praça, cuja agua é muito fresca, mas que por vezes tem provocado accidentes fataes; no largo desta cisterna, nas tardes quentes do verão, se vae *tomar a neve*, que vem a ser caramellos d'assucar com a agua da cisterna, que para este fim é boa, pois que é nimiamente fresca, e o assucar lhe neutralisa qualquer particula nociva que possa conter.

As despezas deste aqueducto foram costeadas pelo producto d'um tributo que os habitantes impozeram sobre a carne, e vinho que consumiam, e que pela sua applicação denominaram *o real d'agua*; nome que depois se estendeu aos impostos de igual natureza que o governo foi lançando pelo reino para diferentes obras.

Quando, em 1641, o conde de Vimioso, D. Affonso de Portugal, capitão-general do Alentejo, elegeu esta cidade para praça d'armas, e o celebre Mathias de Albuquerque dirigiu os trabalhos das primeiras fortificações, acudiram voluntariamente os moradores a satisfazer estes gastos com o dinheiro que resultava do sobredito imposto de dois réis, *estando acostumados* [como diz o conde da Ericeira, no L.^o 4.^o do Portug. Rest. pag. 205 da edição in fol.] *a lhes parecer suave este genero de tributo, sendo seus antepassados os primeiros que o introduziram em Portugal para a grande fabrica de arcos e canos com os quaes metteram a agua na cidade.* Sempre os moradores d'Elvas em occasiões difficeis souberam dar provas de lealdade e de amor patrio; e já no tempo do mestre d'Aviz, elrei D. João 1.^o, com grande constancia defenderam a independencia e liberdade portugueza. Nesta epocha, capitaneados pelo distincto cavalleiro Gil Fernandes d'Elvas, fizeram grandes e honrosas entradas por Castella [como relata o P.^o

Carvalho na *Corographia*], e sustentaram por algum tempo cerco a todo o poder juncto daquelle coroa. Cabia aqui tractar dos memoraveis successos da *guerra da Acclamação*, e da insigne batalha, conhecida pelo nome de *victoria das linhas d'Elvas*, dada a 14 de Janeiro de 1659; de proposito, porém, reservâmos esta materia para o nosso segundo artigo.

Elvas foi cabeça de comarca, comprehendendo em seu districto tres praças das consideraveis no reino, Campo-maior, Olivença [antes de pertencer á Hespanha] e Mourão; e além destas outras tres villas, Barbacena, Ouguella, e Terena. No meiado do seculo passado contavam-se nesta comarca 29 freguezias, perto de 9:000 fogos e 23:000 almas. Hoje é Elvas cabeça d'um concelho, pertencente ao districto administrativo de Portalegre, e que comprehende 11 freguezias, com 4:222 fogos, e cousa de 15:000 visinhos. Destas freguezias são quatro na cidade; a saber; a sé, N. S.^a da Alçacova, o Salvador, e S. Pedro, que, reunidas, teem 3:255 fogos, fazendo a população de 11:348 almas. A freguezia do termo mais consideravel é Sancta Eulalia, que terá perto de 1:200 almas.

Houve em Elvas quatro conventos de frades, e dois de freiras: o mais antigo é o de N. S.^a dos Martyres, que foi de religiosos dominicanos; fundou-o primitivamente elrei D. Affonso 3.^o pelos annos de 1267. Tem casa da misericordia bem dotada e com bom hospital.

A cidade é abundante dos generos precisos á vida, que concorrem a um mercado cuberto, donde se proveem os habitantes, e cuja vista a nossa gravura representa. O termo produz copia de cereaes, especialmente trigo, e de vinho, e muito azeite; abrange ferteis campos, e as devezas que fornecem immensidade de lenha e carvão, sem contar as hortas que criam boas hortaliças. Nos contornos ha varias casas de campo, especialmente no valle por onde corre o ribeiro Ceto, que tem varios nomes, e que medeia entre a praça e o forte de N. S.^a da Graça [ou de Lippe] no sitio da Varzea, distante meia legua para o SO. da cidade, e que tem muito boa laranja: e a quinta de Albofeira a leste da mesma.

DO CHRISTIANISMO.

O OBJECTO, a que vamos dedicar uma serie de artigos deste jornal, é sem duvida o de maior importancia social, que nunca se offereceu ás meditações de quem votou á instrucção do povo as faculdades de escriptor. Nós, não professos em semelhante materia, e que para a tractar nenhum auxilio temos senão a confiança em Deus e na sinceridade da propria consciencia, convocaremos o povo, que, bem como nós, ignorante e profano, não lê os livros dos padres da igreja, as decisões dos concilios, os volumosos tractados dos theologos, e só com o lume da razão, e com a Biblia diante de nós, reivindicaremos as tradições religiosas do passado que vemos sogobrar no meio da depravação moral, que das cidades, ha muito corruptas, já vae calando pelas aldeas e cazaes. Tomaremos a defeza da religião; porque sem ella não ha civilisação verdadeira, sem civilisação não ha bons costumes, e sem estes não só a liberdade não é possivel, mas nem sequer a sociedade.

E porque o fazemos nós? Di-lo-hemos? E porque não? Hesitariamos acaso, por humanos respeitos, quando é mister accusar culpas, nas quaes vae a ruina da patria? Fazemo-lo; porque os sacerdotes não curam da crença do povo: entregues a questões que este não entende, nem aprecia; divididos entre si,

acrescentam perturbações religiosas ás perturbações civis: chamando-se mutuamente herejes e scismaticos, anathematisam-se uns aos outros; e se podessem, accommetter-se-íam com ferro. Entretanto os templos cada vez se vão tornando mais ermos; os crimes multiplicam-se; a moral expira; as ultimas esperanças dos homens honestos e crentes resolvem-se em fumo; Portugal converte-se em paiz de barbaros; o assassinio é um desafogo, a dobrez um merito, o perjurio um calculo de interesses, e apenas o parricidio será um feito, não horrendo, não abominavel, não maldicto; mas digno de se reprehender nos jornaes! E que importa isso aos ministros do Evangelho? Mister mais grave os occupa hoje. É necessario averiguar questões de legitimidade, de hierarchia, de direito canonico. Estes homens, mudos até agora, e que não se julgavam habeis para allumiar os ignorantes e os pequenos, que deixavam solitaria a cadeira da doutrina, e em silencio a imprensa, que poderam e deveram ter feito vehiculo da moral e da fé; estes homens já sobem aos pulpitos, já compoem tractados, artigos de periodicos, pastoraes, e sermões; já, até, fallam ao povo diante da face do ceu, sobre as fragas, nos desvios das montanhas, e sob o carvalho dos velhos no extremo das aldeas: cada rebanho tem dois pastores, e cada pastor amaldiçoa o seu emulo, e pinta-o como um renegado, como um precito. Ve-los-heis arremessarem uns contra os outros auctoridades de theologos, bullas e rescriptos papaes, resoluções de concilios e synodos. Mas, sacerdotes, tão eruditos nas decisões e pareceres de vossos antecessores, nós que não temos sciencia religiosa senão bebida nas palavras do Filho do Homem, citaremos estas ao povo, para que elle, espectador de vossos combates, vos possa julgar, possa ver, que se peleijaes, não é por salva-lo; mas por satisfazerdes odios e ambições, e porventura tornar a religião do soffrimento, da obediencia e do amor, em instrumento de dissensões politicas. Oh Christo, quando tu, na longa e terrivel agonia de passamento afrontoso, pediste ao pae celeste perdoasse aos teus assassinos, e lançaste, morrendo, a civilização e a esperança no meio da barbaria moral, e das amarguras do mundo, fundavas acaso o christianismo para que os sacerdotes do novo culto se odiassem uns aos outros, semeassem discordias entre os que em ti creem, menoscabassem os pequenos, e, como os guardas do teu sepulchro, rasgassem em pedaços a tua tunica inconsutil?!

Não! — As tuas intenções, na hora solemne, em que desparziás o sangue, para que este fructificasse paz e amor sobre a terra, eram concordes com as palavras, que sem receio de hypocritas disseste no meio da praça publica, e que, conservadas por dezoito seculos nas sublimes paginas do Evangelho, estão testificando contra aquelles, que parece se esqueceram do terrivel anathema que lançaste sobre a cabeça dos que, desprezando a moral, curavam só de tradições.

Porque tu, oh Christo, havias dicto:

“Guardae paz entre vós.”

“Isto é o que eu vos mando, que vos ameis uns aos outros.”

“O meu preceito é este, que vos ameis uns aos outros como eu vos amei.”

E tambem disseste, fallando com os Doutores da Lei:

“Raça de viboras, como podeis fallar cousas boas, sendo máus? — porque a boca falla o de que está cheio o coração.”

“Hypocritas, bem prophetizou de vós-outros Isaias, quando diz:

“Este povo honra-me com os labios: mas o seu coração está longe de mim.”

“Em vão, pois, me honram, ensinando doutrinas que veem dos homens.”

“Vós bem fazeis por invalidar o mandamento de Deus, para guardardes vossa tradição.”

“Ai de vós, phariseus, que pagaes o dizimo da hortelaã e da arruda e de toda a casta d’hervas, e que desprezaes a justiça e o amor de Deus.

Que o povo julgue se aquelles, que vivem no meio de guerra crua, e que só curam de questões de disciplina e de tradição, teem diante dos olhos o livro do Mestre; que o povo avalie as intenções do sacerdocio.

E, todavia, não fôra melhor, que em vez de tantos escriptos cheios de má vontade, que temos visto apparecer nestes ultimos annos, se houvera dado aos pequenos o ensino da boa moral, e as provas claras da verdade da sua crenga? que a lei do Evangelho lhes fosse demonstrada ao coração e ao espirito? Certo, que melhor fôra; e já que esses a quem tal mister incumbia, e que para elle estavam habilitados, não teem vagar para tão *mesquinho* negocio, nós ignorantes, e deshabilitados, trabalharemos por fazer suas vezes, confiados [repetimo-lo] na sinceridade dos nossos desejos. A incredulidade e a immoralidade teem feito populares os seus principios, ou antes a sua falta de todos os principios, e já ha muito *que nós lhes colhemos os fructos*. Nos catalogos dos livreiros, e o que mais é por officinas e lojas de artifices, e vendedores, pelas moradas de obreiros, de soldados, e até de proletarios sem modo de viver conhecido, se encontram livros immoraes, e que seriam ridiculos, se na impiedade, e dissolução tal circumstancia se podera dar. Boas almas, que em nenhum tempo faltam, teem traduzido, e multiplicado esses livros [cujos nomes enxovalhariam o papel] para traficarem na corrupção publica, em que ganhem ouro, que menos infamemente ganhariam sendo assassinos por salario; que estes matam o corpo, e elles os espiritos: estes muitas vezes arriscam a vida no seu horrivel officio, elles não arriscam o corpo, na paz do seu gabinete, nem a alma, porque essa já não tem que perder. É contra semelhantes livros, que importa premunir os animos innocentes e desprecatados: é preciso, que o homem do povo tenha aonde ir buscar abrigo, quando a sua fé vacillar. Quantas vezes não vemos individuos, sem educação litteraria, e só lidos em dois ou tres volumes miseraveis de sophistas, escarnecerem do Evangelho no meio de homens humildes, que não sabem como rebater argumentos capciosos, e narrações mentirosas, e em cujos corações vae, por isso, calando, agora o duvidar, logo o descrer, dahi a pouco o blasphemar? — Desgraçadamente o philosophismo já se aquece ao soalheiro da praça, e encosta-se ao balcão da tenda: a religião, porém, não sae dos cathecismos da escola, ou dos livros dos theologos: a impiedade pavonea-se descaradamente por palacios e choupanas, por sallas e tabernas; e se lhe perguntaes d’onde veio, que bem faz á humanidade, em que titulos funda seu modo senhoril e desprezador do passado, responde-vos que sois fanatico, supersticioso, e intolerante; falla-vos das idéas do seculo, de philantropia, e de mil outras algaravias oucas de sentido; e com isto segue avante, quebrando na sua passagem os laços sociaes, e os do sancto amor de familia, desenfreando as paixões, e precipitando o povo no lodaçal dos vicios, e de mil generos de prostituições.

Fizera rir, se com materia de lagrymas se poderam misturar o riso, ouvir ainda hoje na boca dos ini-

migos do christianismo a accusação de intolerancia que, com sobeja razão, o seculo passado lhe fez. A intolerancia! — Sabeis vós, homens do philosophismo, o que dizeis? — Não, que não é vosso costume pensar antes de escrever e fallar. A intolerancia?! Intolerantes sois vós. Emquanto o que confessa o Christo vae por senda cuberta de espinhos, aberta por todos os lados ao sopro rijo das affrontas e vituperios, vós caminhaes pela estrada larga e chan de quem nada respeita, nem acredita. Uma cruz pobre e esquecida, não já triumphante e dominadora, é o termo da viagem do crente, e sobre o montão de pedras asperas em que está hasteada, vae elle repousar a cabeça, emquanto vós, por vossos caminhos de boninas, e relva, e sombras suaves, colheis a cada passo prazeres variados, embora lá ao cabo morem remorsos, e além delles os mysterios e terrores da sepultura. Hoje é necessario ao christão ter valor, para dizer que o é, quando vive com as classes mais elevadas da sociedade; porque o desprezo é muitas vezes a recompensa de tal confissão. Sois vós os que não toleraes uma palavra de esperança ou de fé; sois vós os que reinaes, e que pondes sobre a cabeça do christão uma lenda d'escarneo, como os judeus fizeram ao nosso Mestre.

Multiplicados, pois, assim os meios de propagar a irreligião triumphante, os homens que creem teem direito para se defenderem: teem-no para opporem a calumnias, a vilipendios, a seducções, e, até, á perseguição, a severa voz da verdade. É o que nós faremos, com o pequeno cabedal que possuímos, já que os ricos da sciencia de Deus para interesses materiaes a derivam, e provam suas forças uns contra os outros sobre a posse de um corpo moribundo, em vez de procurarem salva-lo.

Persuadidos de que de todas as demonstrações do christianismo, a unica verdadeira, a unica possivel hoje, a unica popular, é a das provas historicas, a esta nos limitaremos. Antes, porém, d'entrar na materia, permita-se-nos apresentar aos entendidos a philosophia da historia christan nos ultimos tempos, como ella se apresenta aos olhos da nossa curta intelligencia, e que junctamente dêmos a razão, porque nos parece serem hoje as provas historicas a unica demonstração verdadeira do christianismo.



Houve um tempo, em que na Europa se alevantou um espirito de discussão, que chamou todas as idéas religiosas perante o seu tribunal, avaliou-as uma por uma, e condemnou-as sem excepção: este tempo foi o do seculo passado: este tribunal o dos philosophos, desses homens, a quem o jesuita Feller chamava Encelados conjurados contra o throno do Eterno. Nada vem no mundo ao acaso, certo não foi, portanto, essa liga, aparentemente fortuita, de quasi tudo quanto havia fórte em raciocinar, rico em saber e estudo, contra o Evangelho. O christianismo, entregue nas mãos dos homens, tinha-se feito opressor, e havia-se convertido em instrumento de muitos generos de tyrannias. O lutheranismo, e as mais seitas dissidentes da egreja catholica, appareceram como um protesto, que a razão e a liberdade faziam contra o *crê ou morre* de Roma, contra as *exterioridades* que sumiam o *espirito* com praticas e crenças vaãs e supersticiosas, mas os protestantes foram mais longe do que deviam; e além disso tornaram-se tambem intolerantes e oppressores, e deramando o sangue dos seus adversarios, desmentiram a mandado do Filho do Homem, e disseram-lhe, como os inquisidores: — “tu te enganaste, annunciando que

eras o verbo da paz, da fraternidade, e do amor entre os homens!”

Isto era absurdo: — pela Europa, o *christianismo* existia, não em uma ou outra seita; mas em individuos de todas ellas, que afastando com horror os olhos das perseguições, das fogueiras, dos cadafalsos, das disputas encarniçadas dos theologos, os fitavam no Crucificado perdoando na cruz aos seus algozes, e soccorriam os seus irmãos desgraçados, sem perguntarem em que lingua, ou por qual liturgia, invocavam o nome de Deus. Mas estes homens escolhidos ficavam sumidos no meio da corrupção geral.

Foi assim, que o seculo 18, herdeiro das meditações do passado, da sua historia, das suas esperanças, achou a religião. Viu que a religiosidade era uma abstracção sem factos; o culto um ceremonial gelado e sem vida espiritual — e amaldiçoou a fé, e renegou do Christo. Os philosophos, estudando, não o Evangelho, mas a historia dos homens, que em nome de Deus o calcaram aos pés, deram por averiguado que a religião era um absurdo, e um flagello da humanidade: posta esta idéa como indubitavel, tractaram de a inculcar ás multidões. Julgaram que para derrubar o christianismo tudo era licito: mentira e verdade, razão e sophisma, armas eram de que indistinctamente usavam. Não se buscava a verdade, mas o fazer accetar como verdadeira uma hypothese, que de leve a philosophia tomára por demonstrada. Daqui nasceu a má fé que ressumbra em todos os escriptos anti-christãos do seculo passado, e ainda deste em que vivemos.

Um homem houve que poz a questão d'outro modo: que muitas vezes a viu á sua verdadeira luz; este homem foi Rousseau. Rousseau tinha uma alma religiosa: considerou o christianismo como Jesu-Christo o estabelecera, e como os seculos, e as paixões dos homens o tinham transfigurado, e não ousou amaldiçoar-lo; nem sacudiu o pó de seus gapatos na raiz do calvario; mas não pôde vencer o espirito do seculo, e deixou-se opprimir pela incredulidade. Arrastado por seu animo sincero alevantou um brado a favor do Filho do Homem, e este brado era sublime de convicção. Depois atirou consigo á torrente, e o seu nome submergiu-se no pégo de reprovação, onde jazem mergulhados os nomes dos renegados, que não comprehenderam o Verbo. Rousseau, se nascera cinquenta annos mais tarde, fôra a mais fórte columna do christianismo: aquella alma formosissima seria hoje na terra como um anjo de Deus. Friamente o accusam de impio os theologos: mas Rousseau não era impio. Quem sabe se para esse desgraçado não houve tambem um horto de agonia? Quem sabe quantas vezes elle se abraçaria com a cruz, pedindo ao Senhor o alumiasse? Impios foram os seus perseguidores: e não o homem que nesse tempo sem fé, sabia ter olhos para lagrymas, e coração para crer.

Outro homem, que estava muito mais longe do verdadeiro christianismo que Rousseau, appareceu em campo contra a philosophia. Foi este o abbade Bergier. Quasi só contra um grosso esquadrão de inimigos, nunca elles souberam obriga-lo a sair da arena do combate. Depois de refutar a cada um dos principaes philosophos em particular, desbaratou-os todos junctos no *Traetado da verdadeira religião*, e acabou de os esmagar no *Diccionario*, que compoz para formar a parte theologica do grande chaos litterario e scientifico, chamado a *Encyclopedia Methodica*.

Mas o desbarato dos philosophos não teve resultado nenhum a bem do christianismo: a philosophia derrubára este de involta com superstições e fanatismos: o abbade Bergier derrubou o philosophismo, mostrando

que os novos systemas eram contradictorios e insustentaveis; mas isto nada mais foi do que esconder as ruinas d'um edificio carunchoso e pôdre, amontoando-lhe em cima os troços partidos dos vaivens, machados, e alavancas, que o tinham derrubado. Como o bode emissario dos judeus, tomou ás costas os peccados do povo — os erros e abusos com que dezeses seculos de dominio tinham corrompido a crença do Evangelho, chegando a ponto de desfender no tractado da verdadeira religião, a intolerancia perseguidora. Tanto basta para provar que elle não comprehendêra o espirito do Evangelho, ou que, com tanta má fé, como os seus adversarios, não era, como elles, senão um miseravel sophista.

Mas credes, que, accetando assim o encargo de defensor da religião, sem distincção, nem excepção, tomando aos hombros a cruz do Salvador, e o throno mundano do papa; o amor do Verbo, e as polés e fogueiras da inquisição, levanta sobre isso tudo uma voz de propheta, um grito indomavel de persuasão? Credes que elle acceta sem condições as consequencias do christianismo do seu tempo? — Não. Em quanto accommette ha nas suas palavras convicção de verdade, inspiração irresistivel. Defende; tudo isso desapareceu: então se converte em philosopho no modo de tractar a materia; á razão oppõe auctoridades; razões e argumentos á razão e argumento summo — a voz da consciencia e o consentimento universal. Modifica e transtorna a historia, chegando a ponto de citar passagens que não existem nos historiadores: põe-se ao nivel de Voltaire em má fé. São, emfim, seus escriptos a defeza de um homem, que não está certo da bondade da propria causa: são uma tarefa que parece lhe incumbiram, e que elle não sabe bem como levar a cabo. Sustentando a validade de abusos, procura disfarça-los, amacia-los, e mostrar que, se não são uteis, ao menos não são nocivos.

As obras do abbade Bergier, do mais terrivel adversario do philosophismo, ficaram sem nenhum valor real para o progresso do espirito humano, e o que mais estranho parece sem nenhuma gloria, em quanto os livros que elle pulverizou, triumpharam na opinião publica, apesar de vencidos, e ganharam para seus auctores, ao menos temporariamente, um nome glorioso. Assim, porém, devia acontecer. Qual é a idéa fundamental, absoluta, invariavel, que gerou essa multidão de livros anti-religiosos do seculo 18.^o? A mesma que produziu os escriptos de Lutero e Melancton, os de Calvino e Zwinglio: a reacção contra a corrupção do christianismo. Nesta idéa, expressa em duas epochas diferentes, e por diversa maneira, havia justiça e verdade; perdeu-a o modo porque appareceu; porque veio, não como progresso lento, mas como reacção; e as reacções vão sempre mais longe do que lhes cumpre, e ou trazem o erro opposto ao que combatem, ou o renovam debaixo d'outro aspecto. O protestantismo tornou-se intolerante e violento; a philosophia, alem disso, destruiu a superstição e a fé, a mentira e a verdade. Todavia uma e outra cousa era progressiva; porque o era a sua idéa intima, o grande principio da sua existencia.

O contrario disto acontecia justamente á theologia, representada por Bergier. Um philosopho francez diz que elle defendia uma causa excellente, a da humanidade desmentida, e insultada na totalidade da sua herança religiosa. Parece-nos, com effeito, ser esta culpa anti-social o maior crime do philosophismo; mas que fosse esse crime o que Bergier queria punir, é o que não cremos. O passado — a verdadeira herança religiosa da Europa, não era o chris-

tianismo oppressor, ambicioso, material, e anti-evangelico de Gregorio 7.^o, d'Innocencio 3.^o, de Bonifacio 8.^o, e de Leão 10.^o: e era esta herança sacerdotal que Bergier pretendia amparar e defender.

D'aqui veio a nullidade dos seus escriptos: geralmente verdadeiros na expressão, eram falsos na sua idéa geradora, ao passo que os dos philosophos, falsos em quasi tudo, falsos até na sua concepção primordial, recebiam vida da idéa verdadeira, generosa e progressiva, que entrava, ainda que só por metade, nessa concepção primitiva.

Que era, pois, o que, em materias religiosas, herdava o seculo passado ao nosso quando este começou? Ruinas, e fastio. A batalha tinha sido longa e encarniçada. Sobre o cadaver da religião o philosophismo arquejava nos arrancos de morte: e os campioes de uma e outra idéa saíram da arena: as intelligencias callaram-se, e com uma especie de aborrecimento affastaram os olhos da questão religiosa, e empregaram a sua actividade nas luctas politicas, tambem filhas do philosophismo, que reduzido á practica teve as suas rigorosas consequencias nos horrores da revolução franceza.

Foi então que um mal mais terrivel, e que aos olhos dos homens mediocres parecia incuravel, substituiu a guerra religiosa do seculo 18.^o Este mal era a indiferença. Como os livros do abbade Bergier assignalavam uma epocha na historia do christianismo, outro livro veio servir de começo a uma nova era de restauração christan.

Esse livro é o Tractado da Indiferença em Materia de Religião, pelo abbade Lamemmais: esta epocha é a nossa. — (A. H.) (*)

(Continuar-se-ha).



A IPECACUANHA.

A RAIZ chamada ipecacuanha foi por quasi um seculo empregada na medicina sem que os medicos tivessem conhecimento dos caracteres botanicos da

(*) Tendo deixado por motivo de negocios pessoais o lugar de principal redactor deste jornal, e desejando, todavia, contribuir com os meus poucos cabedacs para uma publicação, que me persuado tem feito algum bem á civilização nacional, continuarei a escrever, quando outras occupações m'o permittam, varios artigos, que serão sempre assignalados com as iniciaes do meu nome. A. Herculanio.

planta. Sabe-se agora que é um vegetal perenne, indigena do Brasil, e que se acha em sitios humidos nas provincias do Rio-de-Janeiro, Marianna, Pernambuco, &c. Encontra-se na densidade das florestas, e floresce de Novembro a Março. De raro a planta tem mais folhas do que as das summidades de cada astea, porque as debaixo tem pouco depois de produzidas as superiores. O nome = ipecacuanha = parece significar, na America Meridional, simplesmente uma raiz vomitiva, ou emetica, e os naturaes o applicam indiscriminadamente a outras muitas raizes, que causam o mesmo effeito.

A apparencia deste medicamento differe muito na côr, sendo as principaes variedades, a branca (*richardia brasiliensis*, Gomes), a fusca (*callicocca ipecacuanha*, Gomes e Brotero), e a cinzenta (*Cephaelis emetica*, Person). O principio activo da raiz é muito mais poderoso na parte molle exterior do que na substancia lignea do centro, sendo a differença como dezeseis para um. As variedades branca e fusca exportam-se para a Europa pelo Rio-de-Janeiro, e uma especie negra, indigena do Perú, por Carthagená para Cadiz.

“A experiencia [diz o Dr. Woodville] tem provado ser a ipecacuanha o mais brando e seguro emetico, que conhecemos.”

O producto desta raiz, de que as suas propriedades medicinaes dependem, chama-se *emetina*, e tem sido separado da raiz pelos modernos chimicos.

A emetina vende-se em dois estados: ou como umas escaminhas d'um fusco avermelhado, ou como uns pós brancos. No primeiro estado não está bem purificada, e expondo-se ao ar humido derrete-se: no segundo está a emetina pura, em fórma de pó branco impalpavel, e insolavel na agua: uma dose d'um sexto de grão desta é igual a um quarto de grão da outra; e posto que se não mistura com a agua dissolve-se promptamente por meio do espirito de vinho, ou qualquer outro.

Como muitos dos nossos activos remedios, a emetina, se for tomada incautamente, obra como um veneno virulento. Até nos cães e gatos, na dose de meio grão até dois ou tres, produz o vomito, seguido algumas vezes de dilatado somno: ministrada em dose mais forte a lethargia termina geralmente em morte dentro em quarenta e oito horas, causada por violenta inflammção interna. A emetina obra sobre o homem do mesmo modo que nos animaes menores, e em doses extremas produz pessimos resultados. É claro, portanto, que não deve ministrar-se sem a maior precaução.

O nosso distincto medico e sabio naturalista Bernardino Antonio Gomes imprimiu uma *Memoria sobre a ipecacuanha fusca do Brasil*, em Lisboa, em 1808.

PENSAMENTOS DE PLATÃO SOBRE AS LEIS,

NINGUEM haverá, por certo, que hoje conteste a verdade e exactidão dos pensamentos que vamos transcrever: assentámos porém de os inserir neste jornal para que os nossos leitores vejam como discorria em assumpto tão transcendente um dos mais respeitaveis philosophos da Grecia, que foi discipulo do grande Socrates, e mestre do mestre do conquistador Alexandre, o quasi universal Aristoteles, um dos assombrosos engenhos que honraram o genero-humano. Attenda-se ainda mais á epocha em que viveu Platão, porquanto morreu de idade de 82 annos, 343 annos antes da vinda de Christo.

—“A equidade natural é o fundamento de todas as boas leis, porque é eterna e immutavel; ao passo

que as leis e costumes dos homens modificam-se diversamente, segundo a variedade dos tempos e as circumstancias das nações.—É necessario que se prescrevam leis fixas e determinadas com auctoridade legitima, para que se entenda claramente a recta razão da lei, e ninguem della duvide, nem a possam interpretar os malvados a seu belprazer.—A instituição de fazer leis é utilissima ao genero-humano; e são dignos d'alto louvor os que teem protegido a sociedade humana com boas leis.

—O costume é cousa de grande momento, e frequentes vezes tem força de lei; porém o costume de poucos não deve ter tamanha auctoridade, e só a merece o que adquiriu o aturado consentimento dos bons, que o practicaram.

—É optimo aquelle instituto que nos preserva e nos defende contra o impeto das paixões, e nos prepara para nos vencer-mos no conflicto. A natureza do homem é um certo milagre divino: ha nella razão sem paixões, e muitas paixões privadas de razão; daqui nasce aquella agitação e peleja de inclinações encontradas. Quando a razão e a lei dominam, a vida é um estado aureo e de felicidade; mas se, ao contrario, regem as paixões, a vida é um estado infelicissimo. A victoria sobre si-mesmo é a maior e a mais illustre que póde conseguir o homem.

—Não é possivel estabelecer uma lei simples e uniforme para todas as republicas; portanto será necessario fazer diversas leis adaptadas ás circumstancias dos logares, das pessoas e dos tempos.—As leis que são demasiado severas e crueis, ou suaves e indulgentes em demasia, são egualmente viciosas, porque não mantem meio-termo.—As leis sobre matrimonios e educação dos filhos devem occupar o primeiro logar no codigo para a sociedade humana.

—As leis devem ser claras e terminantes, e todos as devem observar exactamente: devem fazer-se com o livre consentimento dos representantes do povo, para que todos as cumpram voluntariamente.

—Um poder infinito, sem limites, nem restricção imposta pelas leis, é a ruina certa de qualquer imperio, como o provam evidentemente tantos exemplos de monarchias e republicas extinctas, que a historia menciona. É certa tambem a ruina do estado, quando os magistrados dirigem as leis em vez de serem por ellas dirigidos: permanecerá porém aquelle onde a lei for a soberana dos magistrados, e estes os subditos da lei.

—É inutil a liberdade que concede impunemente licença para obrar mal: ao contrario, é uma sujeição util, e verdadeiramente livre, o obedecer a quem mandar devidamente e segundo a lei.—*Extrahidos do MINOS.*

Origem da palavra ladino.—Quando queremos dizer que uma pessoa é manhosa e esperta, chamamos-lhe *ladino*: esta denominação se dava especialmente aos pretos, que já tinham aprendido a lingua portugueza, e com ella as manhas dos homens da Europa. Em muitos dos nossos antigos documentos se chama lingua *ladina* ou *ladinha christengua* [christã] em opposição á aravia dos mouros, e ao hebraico dos judeus: a palavra parece vir do *latina* [lingua] porque o portuguez, entendiam elles, vinha daquelle idioma.

A VERDADE é sempre coherente consigo, e ninguem para dize-la carece de esforço. Está sempre á mão:—na ponta da lingua;—e falla, sem que o presintamos.—A mentira é tão incommoda, que esgota a invenção do homem para disfarça-la.

SECTARIOS DAS DIVERSAS RELIGIÕES.

O seguinte quadro, extrahido das obras dos principaes geographos, mostra o numero comparativo dos sectarios das diversas religiões que dominam o mundo; este quadro indica a supremacia, que, no grande principio philosophico do consenso do gene-

ro-humano, tem o christianismo; idéa em verdade consoladora, e que nos move a crer, que algum dia esta religião divina será a unica dominadora da terra, o que naturalmente se explica; porque civilisação e christianismo são palavras que na essencia significam rigorosamente uma unica idéa.

	<i>Maltebrun.</i>	<i>Graberg.</i>	<i>Pinkerton.</i>	<i>Hassel.</i>	<i>Balbi.</i>
Christianismo	228:000 \$ 000	236:000 \$ 000	235:000 \$ 000	252:000 \$ 000	260:000 \$ 000
Judaismo	5:000 \$ 000	5:000 \$ 000	5:000 \$ 000	3:930 \$ 000	4:000 \$ 000
Islamismo	110:000 \$ 000	120:000 \$ 000	120:000 \$ 000	120:105 \$ 000	96:000 \$ 000
Bramismo	60:000 \$ 000	60:000 \$ 000	60:000 \$ 000	111:353 \$ 000	60:000 \$ 000
Buddismo	150:000 \$ 000	150:000 \$ 000	130:000 \$ 000	315:977 \$ 000	170:000 \$ 000
Todas as demais religiões, como a de Confucio, de Sinto, &c.	100:000 \$ 000	115:000 \$ 000	100:000 \$ 000	134:490 \$ 000	147:000 \$ 000
TOTAL	653:000 \$ 000	686:000 \$ 000	700:000 \$ 000	937:855 \$ 000	737:000 \$ 000

Vê-se da antecedente tabella que o calculo de Hassel é o unico que offerece um numero de sectarios de outra religião superior ao dos que seguem o Evangelho; mas tambem se conhece dahi mesmo que elle exaggera muito em relação a todos os outros geographos, sendo certo que nestas materias o mais seguro guia é Balbi, o mais apurado indagador em tudo o que respeita á Ethnographia.

CLERO E NOBREZA DA SICILIA.

O pobre Portugal e a pobre Hespanha, que são uma especie de despejadouros publicos da Europa, onde os periodiqueiros, bobos litterarios, viajantes, caturras da imprensa, economistas, truões da praça publica, politicos, e mais escrevedores e estragadores de papel, tineta e typo, vazam epigrammas chochos, philosophias cebentas, exaggerações assalvadas, e philantropias hypocritas; estes dois paizes, dizemos, foram sempre tidos em conta de terra classica do clero e da nobreza. A idéa de um frade, ou de um fidalgo associa-se logo por esse mundo a de Portugal ou de Hespanha. Não vereis um quadro que represente paizagem, costumes, edificio, ou monumento portuguez ou hespanhol, que não traga, como adminiculo indispensavel, um frade: não leveis novella franceza ou ingleza, cuja acção seja peninsular, em que não surja um *hidalgo* á Lesage; porque a sciencia das *nações civilizadas* ácerca da Peninsula não passa áquem desses tempos. E todavia, a Alemanha, a Russia, a Polonia, a Italia, e o que mais é a França e a Inglaterra tem frades: e na Peninsula não ha hoje um só: hoje entre nós a nobreza em nada se distingue do commum dos cidadãos, e na Inglaterra ha senhores feudaes, que mandam os *servos da gleba* para a Australia, e povoam as *suas terras* de novos colonos [*]; a Alemanha tem os seus *altos barões*; a França vinte aristocracias, cada qual mais orgulhosa, a mas não era isso que nós queriamos dizer: o que queriamos era dar uma noticia do clero e nobreza da Sicilia, ilha, que, nas cartas geographicas, não vem arrumada nas costas de Portugal nem de Hespanha; todavia, o que está escripto está escripto, e será como um aviso ao leitor de que um dia levantaremos um brado de verdade para desaggravar esta triste

nação portugueza, sobre a qual, não contentes de seus males e atrazamentos, escriptores vilissimos, e semelhantes ao asno da fabula, que escouceava o leão moribundo, entornam calumnias, e vituperios, como se não bastassem nossos erros e desventuras, e a memoria do que fomos e do que somos, para nos cubrir o coração de amargura.

Orçava a população da Sicilia, em 1832, por milhão e meio d'habitantes. Neste numero havia 9:000 freiras, 12:000 frades, 60:000 clerigos, 64 duques, 213 príncipes, 234 marqueses, 308 condes, e 4:161 barões. Além destes chefes de familia, cada filho de fidalgo toma o nome feudal de seu pae, como um diminutivo, como *duchesino*, *príncipino*, *baronsino*. Entre tantas augustas personagens ha um duque de Anjou, que diz ser o herdeiro legitimo da familia franceza que deu reis á Sicilia. Em sua casa, os parentes, amigos e criados lhe dão o titulo de *senhor*, e de *magestade*.

E—repetimo-lo outra vez—a Hespanha e Portugal são a terra classica da fidalguia e do clero!!!. . . . Ainda hoje esta sandice se repete por toda a Europa.

ECONOMIA.

CUSTARÁ a encontrar individuo com conhecimento da natureza humana que não tenha observado quasi constantemente, que o jornaleiro que consegue poupar quinze ou vinte mil réis, não prosegue neste systema de economias até que se veja em estado de se estabelecer com algum negocio, e viver com prospera independencia. Digam os que costumam empregar muitos jornaleiros em qualquer obra, quaes são os melhores: se os que curam de poupar o salario, ou os que o gastam até o ultimo real. A sua resposta será indubitavelmente a favor dos primeiros. Acrescentaremos, que não só é o melhor o comportamento dos economicos, mas que trabalham mais activamente, sendo além disso mais intelligentes e applicados.—A razão é obvia:—achando-se bem pagos só procuram agradar a seus patrões, porque aspiram a ser sempre conservados e desejam poder calcular no mez de Janeiro quanto dinheiro terão no de Dezembro. Esta idéa é lisongeira, e lhes suavisa os trabalhos mais penosos, quer seja lavrando a terra quer guardando gado, ou guiando um carro, &c.—Porém os que nada tem com que contem pouco lhes importa mudarem de patrão todas as semanas,

(*) Vejam-se os extractos tirados da obra d'Inglic, no 2.º volume dos Estudos d'Economia Política de Sismondi.

ou passarem algumas sem emprego, visto que não esperam ser mais ricos nem mais pobres: — e disso provém o seu desleixo.

Ha ainda peor classe de trabalhadores, e é a dos que pedem dinheiro adiantado. Este uma vez gasto, não podem riscar da idéa que hão-de estar sujeitos muitos mezes só pela comida, e desta fórma é quasi impossivel que trabalhem com zelo e gosto; sendo mais provavel que fujam a seus patrões, e que vão para outras terras empenhar-se com outros individuos, a quem pagarão na mesma moeda.

Seria um acto de humanidade, se cada patrão resolvesse não adiantar salario aos seus creados; e que no caso de necessidade urgente e justa preferisse pagar-lhes as dividas á conta dos seus salarios a entregar-lhe a pedida quantia; evitando assim que o creado a dissipasse. — O amo que dêsse tão proficuas lições de economia e frugalidade a seus familiares tornálos-hia venturosos, e se acharia servido por homens de bem.

O DESERTOR PRUSSIANO.

VISITANDO Frederico 2.^o uma noite os póstos avançados do seu exercito, viu um soldado que tentava subtrair-se á sentinella. O rei detendo-o lhe perguntou o que queria elle fazer: — «Para dizer a verdade, disse o soldado, eu, sênhor, ía desertar. Desertar? replicou o rei muito irado — «Senhor, [proseguiu o soldado com muita resolução] eu gosto do serviço quando nelle encontro a gloria da minha patria; porém nesta campanha só tenho presenciado retiradas ou derrotas de V. M.; — o seu exercito ainda não teve uma unica vantagem sobre o do inimigo; isto me mortifica a tal ponto, que me resolvi a desertar e a voltar para minha casa.»

O rei, maravilhado com esta resposta, disse ao soldado, tocandolhe brandamente no hombro — «Amigo, vae para a tua barraca, e conserva-te aqui mais uma semana, porque se a fortuna nos não resarcir dos revezes, eu e tu desertaremos juntamente.

A PRIMEIRA OPERA.

GUILHERME 5.^o, eleitor de Baviera, que reinou desde 1579 até 1597, herdou d'Alberto 5.^o, seu pae, o talento, a piedade, e o gosto de magnificencia que o distinguiram. Mas esta inclinação ao esplendor o levou a fazer despezas com que os seus estados não podiam; e a sua piedade degenerou em superstição: a sua prodigalidade era, todavia, subordinada ao amor que tinha ás cousas da religião; porque todas as despezas que fazia tinham por objecto edificar egrejas, ornar e enriquecer as que já havia, fazer esmolas, e augmentar a influencia dos jesuitas, por quem fôra educado. Construiu para elles morarem o magnifico collegio de Munich, onde hoje reside a academia, e está collocada a bibliotheca.

Nota-se a circumstancia de que a 6 de Julho de 1596, sendo inaugurado este collegio, novecentos estudantes das aulas jesuiticas representaram a primeira opera, que se viu na Europa: o objecto della era o combate do archanjo S. Miguel contra Lucifer. — (Schoell).

DIFFERENTES RECEITAS DE TINCTA D'ESCREVER.

1.^a — EM seis libras d'agua de chuva põe-se a ferver uma libra de noz-de-galha quebrada em pedaços, até o liquido ficar em dois terços: ajunctam-se-lhe duas onças de gomma arabica, dissolvida em uma gota de vinagre: deita-se-lhe depois dentro meia-libra de caparosa verde: deixa-se ferver mais alguns minu-

tos; tira-se do lume, e deixa-se assentar, feito o que escorre-se devagar a tincta, guarda-se em garrafas bem rolladas.

2.^a — Toma-se uma canada de agua de fonte, meia canada de vinho branco, seis onças de noz-de-galha d'Alepo pisada: ajuncta-se tudo, e deixa-se macerar por 24 horas, mechendo a infusão de espaço a espaço. Põe-se depois a ferver meia hora: tira-se o vaso do lume; e ajunctam-se ao liquido duas onças de gomma arabica, meia libra de caparosa verde, e tres onças de pedra hume: deixa-se tudo isto a macerar outra vez 24 horas: põe-se a ferver um quarto d'hora; deixa-se assentar, e depois de esfriar, passa-se por um panno de linho.

3.^a — Toma-se tres quartilhos de vinho branco ou de vinagre: ajuncta-se-lhe tres onças de noz-de-galha pisada, uma onça de páu de tinctoraria, e uma onça de caparosa verde: põe-se tudo a ferver meia hora: ajuncta-se-lhe onça e meia de gomma arabica, que se deixa dissolver bem: depois passa-se por uma peneira fina.

4.^a — *Tincta em pó.* Toma-se uma onça de noz-de-galha, uma onça de caparosa verde, e duas dracmas de gomma arabica. Reduzem-se a pó em separado estas substancias, e passam-se por uma peneira de seda finissima: depois misturam-se bem todas tres. Quando se quer tincta basta desfazer uma pitada deste mixto em uma gota d'agua, de vinho, ou d'outro qualquer liquido, e até de saliva. Este pó é extremamente commodo para os viajantes, que podem trazer a tincta embrulhada em um pedaço de papel, quer na mala, quer na algibeira. Fica além disso muito barato; porque as quantidades que indicámos bastam para fazer meia canada de tincta excellente. É bom seccar bem a caparosa ao lume, antes de a moer.

MODO FACIL E DURADOURO D'ETIQUETAR AS PLANTAS.

ESTE methodo, recommendavel pela sua simplicidade e facilidade, é devido a Simão, botanico em Bruxellas. Consiste em escrever sobre chapas de zinco batido com a tincta, de que abaixo se dará a composição, traçando numeros e letras, que são mui duraveis, e sobre as quaes as vicissitudes atmosfericas não teem grande influencia. De Magneville apresentou á Sociedade de Agricultura e de Commercio de Caen, capital do departamento de Calvados, em França, uma chapa de zinco, sobre a qual havia traçado letras de côr negra, e que sendo exposta por muito tempo ao ar interior, e á chuva, os caracteres se conservaram sem a mais pequena alteração.

Verdete em pó uma parte.
Sal ammoniaco em pó uma parte.
Pós de çapatos meia parte.
Agua dez parte.

Misturam-se os pós das substancias acima, em um gral de vidro ou de porcelana, ajunctando uma parte da agua, para se obter um todo bem homogeo, e a final ajuncta-se o resto da agua.

Esta especie de tincta, que se agitará antes de ser empregada, póde servir para marcar ou *etiquetar* as plantas dos jardins, e para designar os objectos collocados em logares humides, e até para numerar as chaves.

Escritorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.